

ANO XVIII N.º 93 Out. / Nov. / Dez. 1995

EDIÇÃO C. M. S.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

RECRIAÇÃO HISTÓRICA - SINES EM 1362
PESCADORES
PERGUNTAM: QUEM É QUE NOS INDEMNIZA?...
MEDALHAS DE MÉRITO MUNICIPAL PARA A CULTURA



QUEM SERÁ, SERÁ!?

No passado mês de Novembro, ao longo das costas a norte e sul do cabo de Sines, numa extensão considerável que se estimou entre o Porto Covo e Melides, começaram a aparecer, tanto nas redes de emalhar dos barcos que pescam nessas paragens como à tona da água, quantidades significativas de peixes mortos, de várias espécies, que apresentavam sinais daquilo que se poderia tomar por corrosão da pele e alguns deles mesmo totalmente destituídos da mesma.

Perante a alarmante quantidade de peixe surgido, os pescadores alertaram a Câmara Municipal para o fenómeno. A C.M. Sines e a Capitania do Porto de Sines enviaram de imediato amostras de peixe morto ao IPIMAR a fim de determinar qual a causa de semelhante catástrofe. Como o estado de decomposição das amostras enviadas era já adiantado, e as condições de recolha dos espécimes não foram tecnicamente seguidas ao pé da letra, as análises do Instituto não puderam ser conclusivas. Não obstante a presença de mercúrio nos tecidos estar abaixo dos limites legais, era evidente que os animais tinham estado em contacto com qualquer substância alcalina

que lhes tinha descolorido a pele e as brânquias como se tivessem sido lavados com lixívia. Como a própria água enviada para análise não indicava nada de anormal, o Presidente do IPIMAR, dr Carlos Reis, inclinou-se para a probabilidade de os animais terem sido afectados por uma descarga pontual de poluição que, a própria maresia e as condições de movimentação das águas no Cabo de Sines, teria por ventura normalizado.



A Câmara Municipal de Sines, tendo conhecimento das substâncias fortemente alcalinas utilizadas nas empresas do Complexo Industrial, não lhe agradou resultado tão inconclusivo. Havia q identificar a substância para se poder determinar responsáveis, visto que nenhuma das empresas se revelou como responsável nem por erro técnico, nem por descuido ocasional. Não havia portanto culpados nem se sabia que produto tóxico tinha provocado a mortandade.

Perante um possível risco para a saúde pública, visto que não se podia determinar se outras espécimes menos afectadas carregavam alguns resíduos que pudessem ser prejudiciais aos seres humanos, o Presidente da Câmara convocou todos os pescadores da vila para apresentar os dados enviados pelo Instituto. Os pescadores e a população presente na reunião votaram uma moção por unanimidade que determinava: 1. Paralizar a actividade de pesca do Porto de Sines; 2. Manter a paralização até que haja resultados de que a qualidade do pescado não põe em risco a saúde pública; 3. Dar um prazo ao IPIMAR (3

FICHA TÉCNICA

Boletim Municipal de Sines

Ano XVIII N.º 93 Out / Nov / Dezembro 1995

Propriedade

Câmara Municipal de Sines

Telef. (069) 86 21 88 - Fax (069) 63 30 22

Director

Francisco Maria Pereira do Ó Pacheco

Redacção e Coordenação

Redactor

João do Ó Pacheco

Fotografia e Grafismo

Gabinete de Informação

Depósito Legal

44915/91

Composição e Impressão

GRAFISINES - Artes Gráficas, Lda.

ZIL 1 Lote 35 • Tel. (069) 63 67 68 • 7520 SINES

Tiragem 4.000 Exemplares

dias) para que divulgasse o resultado das análises; 4. Exigir do Governo condições de fiscalização permanente do Complexo Industrial.

Em plenário de 4 de Dezembro os pescadores retomam a faina após a conclusão de que “não existe presentemente risco para a saúde pública em consumir peixe pescado em Sines”. No entanto, tanto os pescadores como a CMS quiseram frizar que exigiam saber quem tinha sido o responsável por um desastre ecológico desta natureza e, ao mesmo tempo, ser indemnizados não apenas pelos dias de suspensão da pesca como pela deteriorização da imagem de marca do peixe e marisco de Sines a nível nacional.

As investigações levadas a cabo pelo Ministério do Ambiente concluíram que a ETAR de Sines funciona em boas condições. Como das duas empresas que a utilizam, BOREALIS e PETROGAL, apenas a primeira não efectua análises em contínuo à qualidade dos seus efluentes. O auto de notícia que foi levantado à BOREALIS concede-lhe 15 dias úteis para pôr em funcionamento o equipamento de leitura em contínuo do ph do seu efluente salino lançado no colector de ligação ao emissário submarino.

A BOREALIS em comunicado de imprensa reitera a sua inocência em todo este processo e afirma estar convencida de que não lhe poderão ser imputadas quaisquer responsabilidades.

O Ministério do Ambiente entregou entretanto ao Ministério Público todo o processo a fim de que as investigações possam ser conduzidas mais proficuamente e possam em tempo útil ser responsabilizados os autores das descargas que provocaram uma tal mortandade na fauna marítima da zona.



AGRADECIMENTOS RECREIAÇÃO HISTÓRICA

A Câmara Municipal de Sines e o Teatro do Mar vêm sensibilizadamente agradecer a todos os apoiantes que financeiramente, tecnicamente ou por meios diversos, ajudaram a dar vida à RECREIAÇÃO HISTÓRICA que teve lugar no Castelo de Sines, por altura do Dia do Município, 24 de Novembro:

PETROGAL
MINISTÉRIO DA CULTURA
BOREALIS
ADMINISTRAÇÃO PORTO DE SINES
REGIÃO TURISMO COSTA AZUL
SEGUROS MUNDIAL CONFIANÇA
CAIXA CRÉDITO AGRÍCOLA
CONDOTTE
CAIXA GERAL DEPÓSITOS
BANCO TOTTA & AÇORES
COMPELMADA
PINHOS NAVEGAÇÃO E COMÉRCIO
LUIS FARIA GODINHO
SULCOR
FARMÁCIA CENTRAL
SINESFOTO
FARMÁCIA ATLÂNTICO
ESCOLA DE CONDUÇÃO
CÂMARA MUN. GRÂNDOLA
REST. VARANDA DO OCEANO
CABELEIREIROS JOCARLEX
FUNDAÇÃO S. CARLOS
CENTRO CULTURAL E. NUNES
ASSOCIAÇÃO ARTESÃOS SINES
JUNTA FREGUESIA DE SINES
COMISSÕES DE MORADORES
MUSEU NACIONAL DO TRAJE
RÁDIO SINES
ANTENA MIRÓBRIGA
CHARRETE CLUBE LITORAL

Os apoios totais cifraram-se em 1.234.500\$00.
A TODOS O NOSSO MUITO OBRIGADO NA
ESPERANÇA DE FUTURAS PRODUÇÕES.

REGIONALIZAR E DESCENTRALIZAR O DESPORTO

A Regionalização é importante no quadro nacional, do ponto de vista desportivo, tendo em conta as interdependências que se geram neste campo específico, tais como a saúde, a alimentação, a habitação, a educação e o próprio desporto. Esta relação é íntima e implica variáveis mínimas que conferem o tom geral aos diversos componentes dos fenómenos sociais.

A Regionalização desportiva será a resposta às graves assimetrias regionais e aos graves e intensos desequilíbrios desportivos onde as variáveis sociais, históricas, económicas, culturais, falam por si e protagonizam todo um atraso global.

É no quadro desta situação que se tem que ver e perspectivar a orientação a conferir ao desporto português.

De um lado uma diminuta área congestionada, que corresponde à grande concentração desportiva, onde escasseia uma racionalidade interna; do outro, o seu maior quinhão, toda uma vasta área deprimida, vivendo graves problemas de desertificação desportiva.

A Regionalização aparece-nos assim como a grande solução para estes estados de coisas, capaz só ela, através da sua eficácia, de atenuar e corrigir os desequilíbrios e as desigualdades constatados.

O sistema desportivo baseado na velha pirâmide tradicional está ultrapassado. Um novo conceito de desenvolvimento desportivo cresce e agiganta-se, motivado por um conjunto de pressões várias, colocados pelos movimentos desportivo rural e urbano e a sua criatividade e iniciativa, e também pelos grupos ecologistas, preservadores do meio ambiente e de uma outra qualidade de vida.

De baixo para cima, como nos diz Walter Stohr, nasce e insinua-se um novo conceito de desenvolvimento desportivo, vindo do âmago dos povos, das suas regiões e localidades. Nenhum governo poderá hoje levar a cabo qualquer política profícua de desenvolvimento desportivo, baseando-se na centralização dos meios. Só uma via nos parece hoje concludente para o desenvolvimento: o da participação

das regiões, das localidades, das populações, numa base de autonomia e criatividade. Não é possível o desenvolvimento presente se se fôr insensível ao movimento real da sociedade.

A eficácia do desenvolvimento regional desportivo reside hoje — pese embora algumas teses em contrário definidoras de outra delimitação de competências entre a região e o município, colocana o desenvolvimento desportivo a cargo deste último e não no âmbito da região — na descentralização que se nos apresenta assim como um verdadeiro pressuposto de regionalização, o seu modelo fidedigno.

A descentralização é o verdadeiro motor do desenvolvimento, só através dela é possível combater os abusos e vícios do poder.

Ao pretendermos o modelo de desenvolvimento regional desportivo, coloca-se o problema da sua eficácia como objectivo, do modo como garantir eficazmente tal objectivo. O Estado centralizado não pode hoje garantir semelhante meta perante a criatividade aumentada dos movimentos desportivos regionais e locais, urbanos e rurais. O Estado centralizado sucumbe perante a ineficácia dos seus métodos tecnico-burocratas, afastados dos centros das questões, degenerados e arreigados à velha prática do favor, do subsídio, etc.. Vínculados ao poder central, as delegações distritais do INDESP, são a revelação mais patente da componente tecnico-burocrata do sistema, incapaz de evoluir, de se adaptar ao desenvolvimento desportivo, braço tentacular de um modelo portador de equívoco de peso, absorvente do poder local através da sua imiscuição no terreno, reforçador, ao fim e ao cabo, do poder central perante a ineficácia de um localismo sem possibilidades de sobrevivência.

Sem descentralização, transparência de meios técnicos, humanos e materiais para as autarquias, não pode haver desenvolvimento na medida em que não é possível assim a participação dos cidadãos na resolução dos seus próprios problemas. Sem uma repartição efectiva de poderes, que está na base da

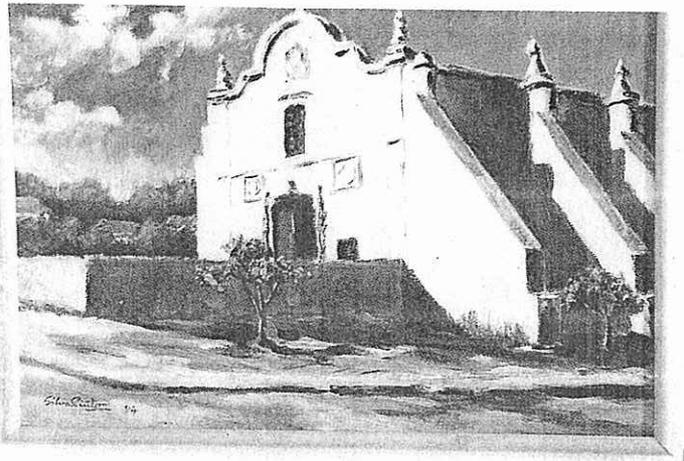
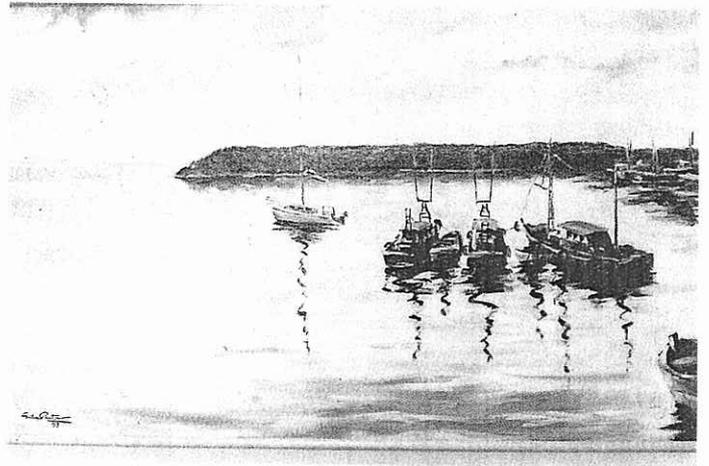
criação de regiões, dos municípios, das freguesias, não há autonomia e capacidade de decisão sobre a gestão dos seus próprios interesses e recursos.

Prof. Virgílio Chaves

PINTO PINTOR EXPÕE NO C.C.E.N.

Silva Pinto veio mais uma vez surpreender-nos. Todos já conhecíamos o seu enorme talento como caricaturista, mas ainda não tivemos oportunidade de apreciar o seu trabalho como pintor.

Nos seus óleos, que estiveram patentes no Centro Cultural Emmerico Nunes até ao final de Novembro de 95 — numa expo que integrava as Comemorações do Dia do Município — Silva Pinto mostra-nos como ele vê alguns dos quadros mais pitorescos e representativos da nossa localidade. O conjunto, ou sequência, de aguarelas “Os barcos e o mar” é magnífico. Pode-se dizer com propriedade que, neste caso, a arte é um prazer.



UM OPÍPARO CONCURSO: OS PALADARES DO MAR



A Câmara Municipal de Sines organizou, pela Xª vez, mais um Concurso de Gastronomia do Concelho de Sines.

Este ano estiveram presentes 9 Restaurantes com ementas muito variadas e saborosas inovações. O nosso Júri não se pôde queixar. Se os nossos Búzios com Feijão Branco, Feijoada de Choco, Caldeirada ou Massinha de Peixe já têm uma fama nacional, este ano os concorrentes surpreenderam-nos com algumas novidades: a Canja de Perdiz, a Açorda de Peixe e o Ensopado de Enguias, vieram mesmo a calhar, para não falar na Cabidela de Galinha, nas Espetadas de Lulas ou nas Sopas de Tomate com Cherne.

O Júri foi composto por um representante do Executivo da Câmara de Sines, um representante da Rádio Sines, uma representação da Região de Turismo da Costa Azul, um delegado da ARESP (Restaurantes de Portugal) e pelo famoso Chefe Silva, que já nos habituou à sua simpática presença em concursos anteriores.

Em 1º lugar classificou-se este ano o Restaurante "O COQ", com a seguinte ementa: Sopa de Legumes, Caldeirada, Bifes à Coq e Bolo de Bolachas; em 2º lugar azequou o Restaurante "VARANDA DO OCEANO" com: Massinha de Robalo, Caldeirada, Galinha de Cabidela e doce Brisa de Sines; e o Restaurante "BOM PETISCO", com: Massinha de Peixe, Espetada de Lulas e o doce da casa; em 3º

azequou o Restaurante "MANO-ZÉ", com: Massinha de Sargo, Feijoada de Chocos e doce Encharcada; Restaurante "ESTRELA DO NORTE", com: Açorda de Peixe, Búzios com Feijão Branco e Mousse de chocolate; e ainda o Restaurante "A ILHA", com: Sopa de Peixe, Ensopado de Enguias, Carne de Porco à Alentejana e Pãezinhos de Gila. O Prémio de Simpatia e Bom Acolhimento foi entregue ao Restaurante "O RANCHO" que apresentou: Canja de Perdiz, Filetes de Linguado, Bife à Casa e Trouxas de ovos.



O Júri expressou ainda a sua satisfação pela qualidade de todos os Restaurantes visitados e decidiu assim entregar a todos, sem excepção, a classificação de Mérito e Qualidade.



SINES REVISITADA

Recriar uma época é sempre uma tarefa complicada, tanto do ponto de vista prático como do ponto de vista psicológico e, ainda mais, quando essa época se situa num passado tão remoto que, esse quotidiano, se tornou já num universo tão estranho quanto uma história de ficção.



Revisitar Sines no Séc. XIV, mais especificamente em 1362, data da atribuição do Foral, foi um trabalho magnífico, mas mais empolgante ainda foi assistir a uma encenação que se tecia dentro da própria época, ou seja, o seu quotidiano. E tudo isto no palco natural do Castelo de Sines, ou seja, um verdadeiro Castelo medieval.

O número de actores e figurantes intervenientes (cerca de 140 ao todo) foi crucial para a credibilidade do evento, porque havia tanta gente vestida à época, tanto locais onde se passavam “coisas”, que foi bastante difícil aos fotógrafos e camaramen presentes seguirem o decurso da acção de forma metódica. Além disso é muitíssimo difícil manter 140 pessoas coordenadas com o decorrer de uma acção que está literalmente submersa por público que se desloca caoticamente em todas as direcções, muitas vezes apenas curioso pela instalação, mas completamente indiferente ao desenrolar do drama.

Porque a encenação tinha um método, é necessário aqui explicar que o percurso que era seguido pela procissão que entrou no Castelo e que depositou o Alcaide e a esposa na Torre de Menagem, elaborava uma trama onde se tecia “uma partida e

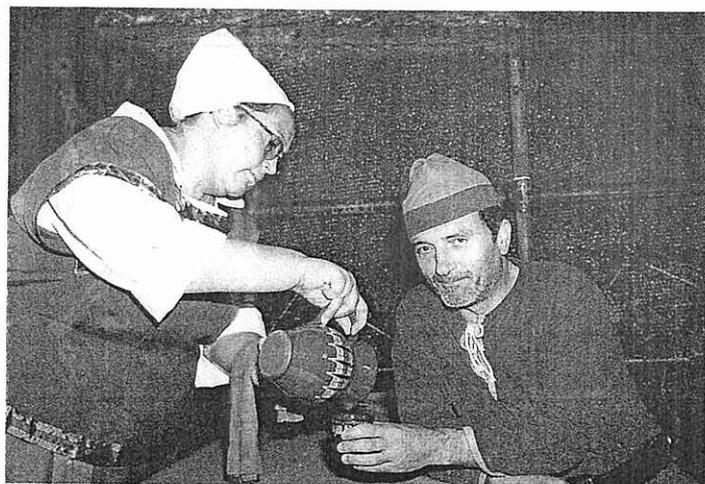
uma traição”, “um namoro, uma morte e uma expulsão” e algumas encenações avulsas que enquadram psicologicamente a mentalidade e o imaginário mágico da época — pela presença permanente da bruxa em todos os momentos trágicos do evento; como o quotidiano físico de um Castelo — pela presença dos artífices, cavaleiros, damas, etc., que estabeleciam por si só o decurso normal da vivência de um burgo medieval.

A história era simples. A filha do Alcaide tinha uma paixão secreta por um certo cavaleiro que iniciou a sua aventura amorosa subindo pelas suas douradas tranças até à sua nobre alcova na ausência dos pais. Mais tarde, na taberna do castelo, seria descoberta, o amante perseguido e morto e ela condenada por seu pai a viver na clausura de um convento. No entretanto desta acção decorrem pequenos quadros simultâneos que vão contando a vida do Castelo: a traição da adúltera aquando da partida do seu marido, a canção na taberna medieval, a punição no patíbulo, a maldição da bruxa nas ameias, a aparição das ninfas na torre e a chegada dos cavaleiros da Corte com a carta de foral.

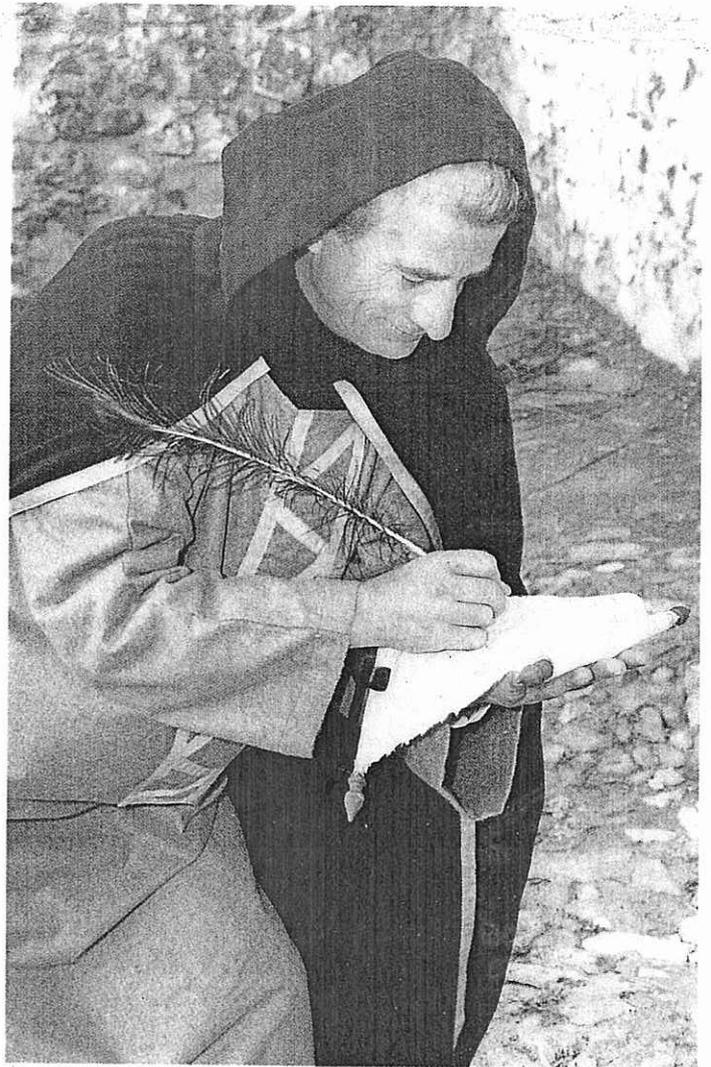
Como já se disse, é difícil levar tantas pessoas a funcionar coordenadamente num espaço tão lato e cheio de público alheio à representação. O mérito deste feito, é claro, só pôde ser devido ao trabalho dos elementos do Teatro do Mar e da direcção de actores levada a cabo pela Julieta Aurora. Mas não é menor o mérito de ter conseguido convencer o Presidente da



SINES REVISITADA



SINES REVISITADA



SINES REVISITADA



Câmara, Francisco Pacheco, a participar como Alcaide, vestir-se à época e a esperar mais de uma hora na janela da Torre de Menagem para o desfecho do acto: recebimento da carta de foral trazida pelos cavaleiros da corte.

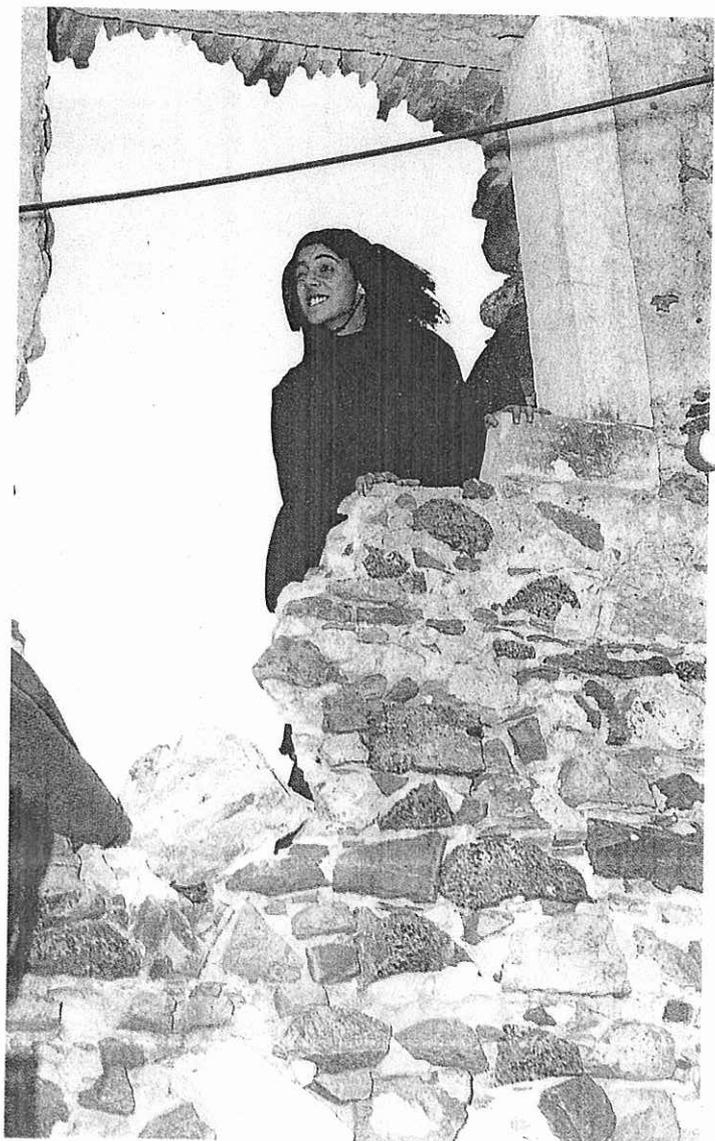
Resumindo: o projecto resultou plenamente. Falta aqui realçar o trabalho que está subjacente a todo este artifício de ilusão da realidade. Não apenas o trabalho desenvolvido pela Câmara para promoção do espectáculo e os contactos efectuados com as empresas que o patrocinaram, como o fabuloso trabalho de execução dos fatos, levado a cabo pela dona Maria Luísa Plácido Santa-Bárbara.

Não podemos deixar de esquecer de agradecer às Comissões de Moradores que colaboraram connosco cedendo animais de um castelo medieval:



os porcos, os cavalos, as galinhas, etc., e todos, muitos outros, anónimos voluntários, que deram o seu trabalho para que toda esta obra fosse levado a bom porto.

Foi uma belíssima Comemoração do Dia do Município, esta Sines revisitada em 1362, dia em que Sines recebeu com pompa e circunstância a Carta d Foral que concedeu a Sines autonomia da sua antiga e polémica submissão a Santiago do Cacém.



A CULTURA FOI A ÁREA PRIVILEGIADA EM 1995 PARA ATRIBUIÇÃO DOS MÉRITOS MUNICIPAIS



Sines, este ano, decidiu medalhar os seus vultos mais destacados na área da Cultura.

Em Sessão Solene da Assembleia Municipal que decorreu na noite do dia 24 de Novembro, Dia do Município, no Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários de Sines, foram escolhidas quatro personalidades que mais se evidenciaram quer pela sua obra quer pelo seu trabalho em prol da nossa localidade. Dois deles já falecidos, a escritora Cláudia de Campos (1860 - 1916) e o filósofo João Daniel de Sines (1809 - 1878), e dois nossos contemporâneos, a grande impulsionadora do Teatro em Sines, Maria Tereza Palmela e o poeta Al Berto, de seu nome completo Alberto Raposo Pidwell Tavares.

CLÁUDIA DE CAMPOS, filha de Francisco de Campos e Maria Augusta da Palma de Campos, nasceu em Sines a 13 de Março de 1860. Seu avô Jacinto da Palma foi Guarda-Mor de Saúde do Porto de Sines. Em 1875, ainda não tinha dezasseis anos, casou com um jovem de dezanove, Joaquim d'Ornelas e Matos. Foi uma estudiosa de Eça, Quental, Herculano e Castilho. Especializou-se em Estudos Ingleses no Colégio de Mrs. Kulte e legou-nos um manuscrito sobre Shelley. Intelectual inovadora e ensaísta da condição feminina (Ensaio de Psicologia Feminina), estreou-se com um volume de pequenos contos intitulado "Rindo..." a que se seguiram "O Último Amor", "Mulheres", "A Esfinge", "A Baronesa de Stael", "O Duque de Palmela" e o polémico "Ele", livro cujos personagens são figuras da nossa terra vestidas com outros nomes: Luis Guedes é Francisco de Campos, pai da escritora, Cléo, a própria escritora, Frantz é Frank Pidwell, José Paulino é João Caetano, Leonor Vasques é Isabel Pidwell, etc., etc..

Foi-lhe concedida Medalha de Mérito Municipal a título póstumo. A Câmara envidou todos os esforços para encontrar descendentes da escritora, que morreu em Lisboa e foi sepultada no cemitério dos Prazeres. Finalmente, conseguiu-se encontrar em Cascais um neto da escritora, dr. Alberto Barros, com 82 anos de idade, e uma bisneta, Prof.ª dr.ª Maria Luísa de Távora de Magalhães Barros Franco. Uma delegação da Câmara Municipal de Sines deslocar-se-á a Cascais para a entrega da condecoração.

(Continua Pág. 14)

CONSCIÊNCIA CÍVICA: A ECOLOGIA PRÁTICA QUE PRECISAMOS!

As escolhas que praticamos no nosso dia-a-dia, desde o atirar o maço de tabaco vazio para o chão, a despejar o lixo nos contentores ou a jogar para a natureza qualquer veneno mais ou menos letal, pode parecer que não têm o mesmo valor quantitativo, mas têm-no certamente a nível qualitativo. No fundo, a displicência com que tratamos o ambiente, em todas as circunstâncias, revela apenas a nossa mais completa falta de consciência cívica, fruto do país de brandos costumes em que fomos educados e onde a impunidade mais ou menos generalizada por este tipo de desempenhos e atitudes é sempre minimizada pelo interesse pessoal prático e imediato.

É mais ou menos como se todos nos considerassem seres especiais cujos comportamentos têm o direito de não cumprir as regras, porque as regras são para os outros comuns mortais. E assim sendo, já que todos somos excepcionais, todos temos comportamentos excêntricos, ou melhor, ninguém cumpre coisa nenhuma! No final de tudo, contentamo-nos em encolher os ombros e dizer “é o país que temos e vamos ter que viver com ele...”, e passa-se uma esponja sobre o assunto e volta tudo à modorra habitual. Porque, o objecto de discussão, em Portugal, que ultrapasse a novidade de três dias de conversa, começa a cansar-nos. Em primeiro lugar porque toda a gente tem opinião formada sobre todas as coisas — e é óbvio que discutir com toda a gente para provar o nosso ponto de vista, é obra! Em segundo lugar, acreditamos que as coisas nunca são exactamente como nos dizem ser — sofremos de uma miopia aguda de entendimento que só vê o que quer e não o que pode. E em terceiro lugar, porque temos a certeza de que toda a gente exagera coisas de nada só pelo prazer do drama — e como estamos habituados ao fado já não vamos em cantigas e fica o assunto definitivamente encerrado.

E assim se cometem crimes graves sem que nunca se apurem responsabilidades. Ou porque se leva tanto tempo a determinar quem é o culpado que

no final já ninguém recorda bem o que se passou, nem como se passou, ou porque quando se tenta identificar os culpados estes se escapam entre as teias burocráticas tecidas em longínquos corredores de um remoto Poder. E, normalmente, ninguém tem culpa de nada. É de novo o Fado em acção: aquilo tinha que acontecer, estava destinado a ser assim, mesmo que se quisesse evitar teria sido muitíssimo difícil... Mas, mesmo difícil, talvez tivesse sido possível evitar. O erro está em não tentar. Dar uma ordem é um acto de responsabilidade tão grande como omiti-la. E o acto de omissão pode ser tão grave como o cometimento voluntário de um erro, se não maior. No primeiro caso há uma vontade expressa, no segundo uma vontade obscura, cujo objectivo omissivo não se pode identificar.

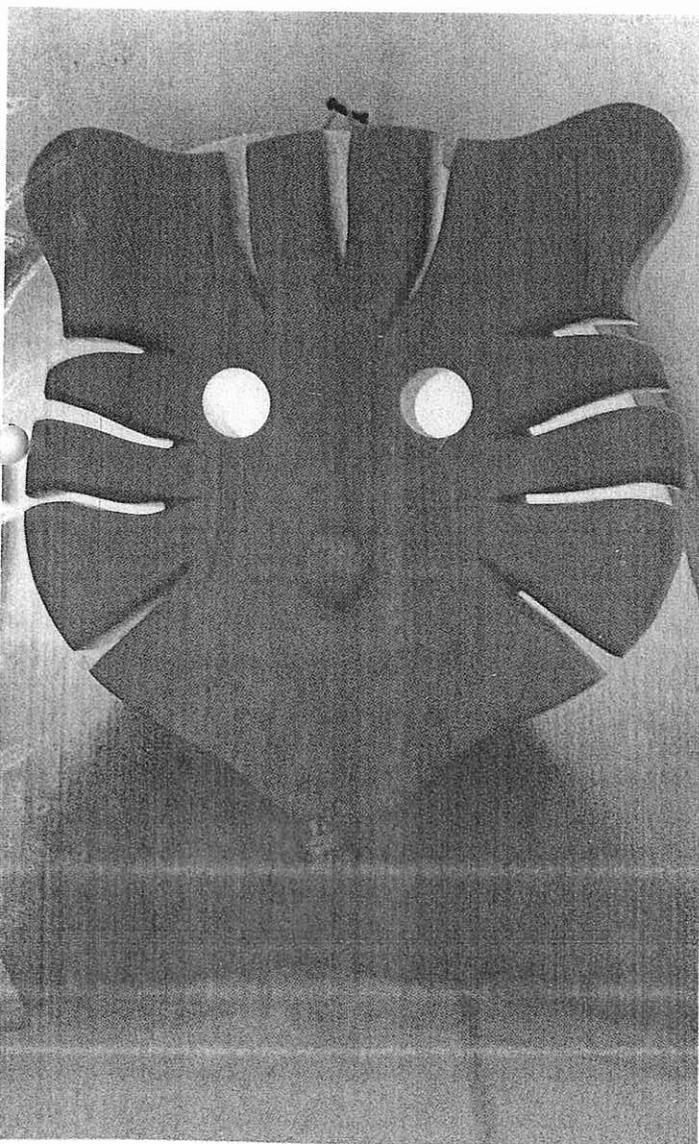


Por último, quando por um mero acaso, se encontra alguém a quem culpar, as coimas aplicadas são de tal maneira ridículas, em relação ao acto praticado, que quem as comete acaba por preferir continuar nas mesmas atitudes, e pagar as multas, a fazer cumprir a lei, e acabar por pagar mais caro. É o mais completo contrasenso!

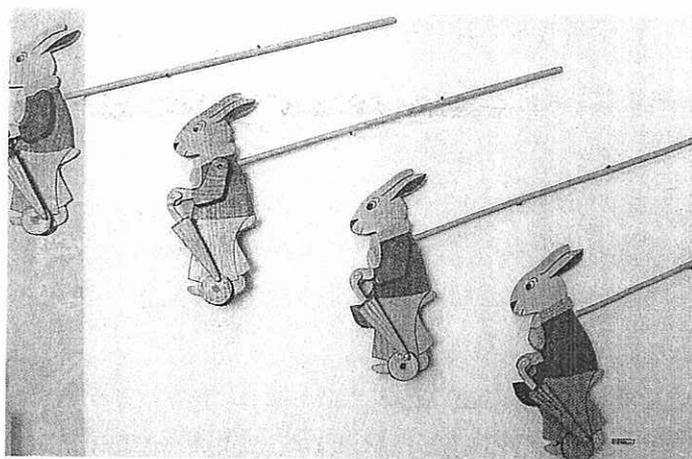
Prevedo que estas situações prevaleçam por demasiado tempo num país que se habituou a elas de uma forma automática, há que criar mecanismos de defesa que funcionem também automaticamente: a Educação. Há que criar uma consciência cívica nos

mais jovens que possa vir a responder futuramente de uma maneira mais eficaz a esta displicência instalada. Só assim, mesmo cometendo os erros actuais que estão patentes, poderemos assegurar um melhor futuro aos outros. E isso diz respeito a todos: desde os educadores, ao poder, ao homem comum. E já agora, que se aumentem as multas de tal maneira que os infractores antes de voltarem a cometer o delito pensem duas vezes antes de agir. É que só muito dificilmente se podem determinar os custos a curto, médio e longo prazo da poluição. Por ventura, quando se puderem objectivar os mesmos já será tarde demais para se poder voltar atrás.

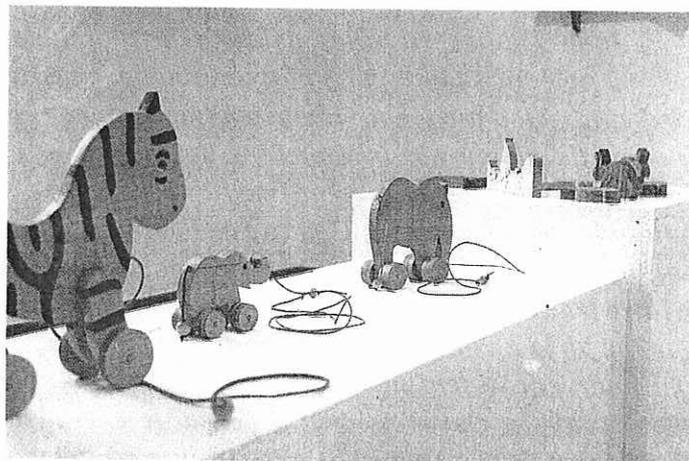
João do O'Pacheco



BEATRICE DEBONGNIE E AS ESCULTURAS DE TERNURA



É muito curiosa a sensação que se tem quando se visita a exposição de esculturas em madeira de Béatrice Debongnie. Em primeiro lugar temos a impressão de entrar num quarto de jogos de uma criança perdida num outro tempo, uma criança que a trepidante vida do nosso quotidiano há muito deixou para trás. É um lugar extático da memória, um local mágico onde a imaginação é soberana.



Todos os objectos são em madeira, recortada com muito carinho, numa evocação de longos espaços de lazer onde o lento labor da ternura cristaliza a imaginação. Temos a sensação de passar para o outro lado do espelho, na sala onde Béatrice expõe o seu imaginário, com todos os cavalinhos de madeira, os coelhos de empurrar, as casinhas de bonecas com as suas mobílias minúsculas... É como que palpar a nostalgia da infância, o tempo da descoberta, da protecção e da alegria simples e sem complicações.

(Continuação Pág. 11)

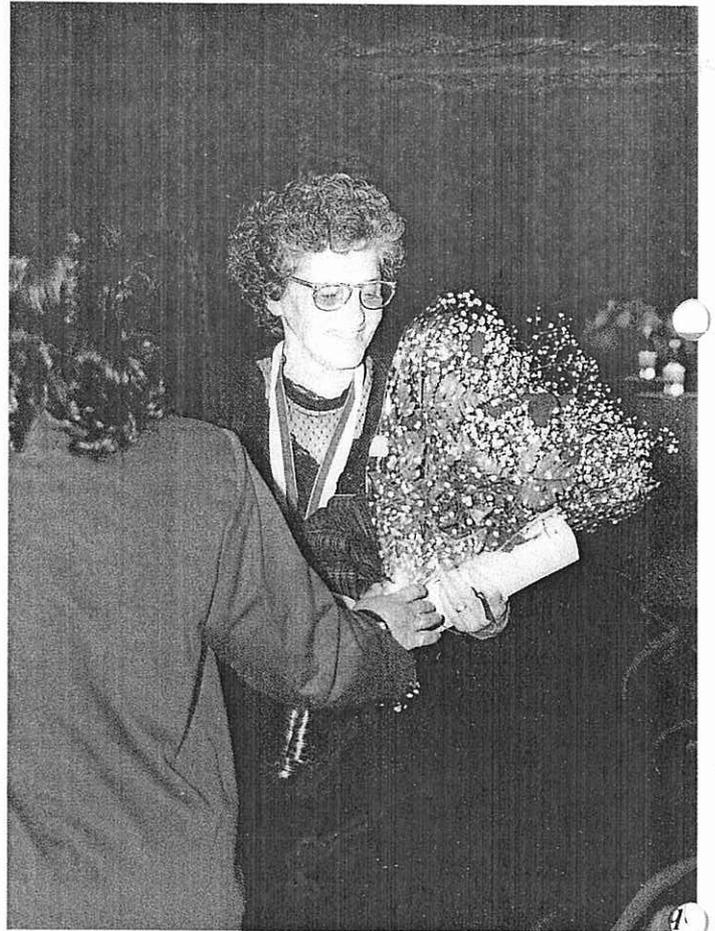


JOÃO DANIEL DE SINES, O Raspalhista, nasceu em 1809 em Sines. Liberal que se destacou contra o regime absolutista de D. Miguel em 1834, seguiu o estudo e a prática da filosofia do médico Raspail, químico e político francês do Séc. XIX que leccionava no Colégio de Carpendras Filosofia e Teologia e que vem a tomar parte na Revolução de 1830 e nos movimentos de 1848. Dedicou-se mais tarde ao estudo das Ciências Naturais, à Medicina e à Bacteriologia.

João Daniel de Sines debruça-se sobretudo sobre a polémica ainda hoje não terminada, entre a Medicina Alopática e a Homeopatia. Defende a Hidropatia aliada aos tratamentos homeopáticos e demonstra enorme rigor científico nos seus textos. Aquando das epidemias de Cólera e de Febre Amarela põe em prática as suas teorias, baseadas no célebre médico francês, e obtém grande notoriedade popular que lhe viria a conceder o epíteto de Raspalhista. A sua intervenção tem um sucesso tão retumbante e popular que a classe médica o acusa de exercício ilegal de profissão. Absolvido, o seu triunfo é festejado pelos populares em frente ao Tribunal da Boa-Hora e o seu julgamento é publicado em opúsculo de enorme difusão. Passa então a repartir a sua actividade entre os seus tratamentos baseados no processo terapêutico do médico francês e a defesa, através de Imprensa, das suas ideias Liberais. Vem a morrer em Lisboa em 1878.

Foi-lhe atribuída a Medalha de Mérito Municipal a título póstumo à sua bisneta, presente na Sessão Solene da Assembleia, D^a Maria Adelaide da

Lança de Sines Fernandes. A exortação da obra e da vida de João Daniel de Sines foi feita pelo doutor Victor Paquete, antes da entrega da medalha.



MARIA TEREZA PALMELA, nasceu em Sines a 23 de Fevereiro de 1923, filha de Francisco Palmela e de Tereza Alves Torrão. Seu pai veio para Sines trabalhar na transformação do Farol de Sines.

Apaixona-se pela arte cénica e em 1941 estreia no Cine Vasco da Gama com a comédia "Maldita Exposição". Casa em 1947 com António Amaral da Silva, seu colega de andanças teatrais, e seu companheiro de sempre. A 7 de Maio de 63 ensaia um espectáculo de revista cuja receita converteu a favor da Cantina Escolar. Esteve à frente do grupo cénico até à morte de seu filho. Abandona então a actividade durante nove anos. Após o 25 de Abril cria o Teatro Amador de Sines. O trabalho incansável que vem fazendo desde essa data reverteu sempre em favor de associações e colectividades. Nunca auferiu um único Cachet. Mas também no seu quotidiano Maria Tereza

Palmela revelou a mesma generosidade e grandeza de alma, o que lhe granjeou o respeito e a admiração de todos os Sinienses. Prejudicando-se muitas vezes nos seus negócios para ajudar os mais desfavorecidos em épocas difíceis de Defeso e vendaval, chegou a servir no "Cantinho dos Pescadores" refeições gratuitas aos pescadores mais penalizados e na sua Mercearia de Bairro ajudou sempre com humanismo e coração quem necessitava.

Foi Deputada da Assembleia de Freguesia de Sines e participou activamente na vida social e cultural do Concelho, tanto como militante do Movimento Democrático das Mulheres como dirigente do Teatro Amador de Sines. Foi-lhe concedida Medalha de Mérito Municipal pelo seu trabalho em prol da igualdade, da liberdade e da solidariedade para com o povo da sua terra. Aos 72 anos Maria Tereza Palmela é ainda uma activíssima personalidade da nossa terra. Uma homenagem justa que recebeu emocionada e que nos emocionou a todos.



ALBERTO RAPOSO PIDWELL TAVARES, poeta Al Berto, nasceu em Coimbra em 1948, e passa a sua infância e adolescência em Sines. Exila-se em Bruxelas durante os anos da Guerra Colonial onde prossegue os seus estudos nas Belas Artes. Regressa a Portugal em 1975, após o 25 de Abril.

Em 1970 abandona definitivamente a Pintura, muito embora subsista o interesse pelas Artes Gráficas e pela Fotografia. Começa a publicar com regularidade nos finais da década de 70: "Mar de Leva" (1976), sete textos dedicados à Vila de Sines; "À Procura do Vento num Jardim d'Agosto" (1977); "Trabalhos do Olhar" (1982); "Salsugem" (1984); "Uma Existência de Papel" (1985). Todos estes títulos de poesia são reunidos em 1987 sob uma única publicação "O Medo" que lhe granjeou o Prémio PEN-Clube de Poesia. Em 1988 envereda pela prosa com "Lunário" e, mais tarde, em 1993, publica "O Anjo Mudo". Em 1991, "A Secreta Vida das Imagens", inspira-se na obra de artistas clássicos e contemporâneos, nacionais e estrangeiros: Giotto, Van Gogh, Chagall, Andy Warhol, Mário Cesariny, Cabrita Reis, Ilda David. Em 1995, publica o seu mais recente livro de poesia, "Luminoso Afogado".

O reconhecimento público da sua vasta obra culminou em 92 com a atribuição por parte de Sua Excelência o Presidente da República do grau Oficial da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, no dia 10 de Junho, Dia de Portugal e das Comunidades.

Exerceu ainda funções de Animador Cultural da Câmara e Director do Centro Cultural Emmerico Nunes.

Foi convidado por várias vezes para representar oficialmente Portugal em manifestações de divulgação da Cultura Portuguesa: Belles Etrangères, Europe à livre ouvert, Le Portugal à Bordeaux, em França e Europália 91, na Bélgica.

Foi-lhe concedida Medalha de Mérito Municipal não só pelo trabalho de inovação prestado à Cultura Portuguesa mas, também, à nossa terra, pelo superior desempenho de um nosso conterrâneo numa área cujo sucesso e notoriedade são demasiadas vezes glórias póstumas de um futurismo incompreendido.

O Poeta leu excertos da sua obra poética na altura da entrega da medalha.



Fotografía de Carlos Ledo